

CRIAÇÃO E ELABORAÇÃO DA CARTILHA EDUCATIVA INTITULADA “MASCULINIDADE(S) - DEFINIÇÃO E DESDOBRAMENTOS”

Clóvis Lima da Silva

Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia

José Victor Santos de Almeida

Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia

José Miranda Oliveira Júnior

Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia

Juelton Meira Queiroz

Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia

Resumo: Esse artigo busca falar sobre a cartilha didática-pedagógica intitulada “Masculinidade(s): definição e desdobramentos”, bem com seu processo de desenvolvimento, nossa percepção acerca da sua relevância e construção e sua contribuição acerca do tema das Masculinidades. A cartilha almeja servir como um aporte teórico para auxiliar professores, pesquisadores, alunos e interessados no geral, buscando instruir, por meio de uma linguagem acessível, convidativa e imagetivamente lúdica, sobre alguns temas clássicos das Ciências Humanas e Sociais como Gênero, Sexualidade, Masculinidades e Performances, objetivando atingir o público alvo de alunos e professores do ensino médio. Ao final, relatamos sobre sua aparição e recepção em sites como o Avoador (Projeto de extensão e produto da disciplina de Jornalismo Digital do curso de Jornalismo da UESB), Laldis (Laboratório de Linguagens e Diversidade Sexual - UESB) e na sessão de notícias do site da UESB. Também foram concedidas entrevistas para os dois primeiros sites afim de servir como material de divulgação e incentivar a produção de mais cartilhas didáticas sobre o tema.

Palavras-chave: Cartilha didática. Gênero. Masculinidades.

INTRODUÇÃO

Os estudos sobre gênero no ambiente acadêmico tiveram seu momento mais prolífico a partir da década de 60 e 70 do século XX. Impulsionados pelos movimentos

de contestação e libertação da época, a rebeldia que perfumava o ar questionava tudo que fosse instituído. Nos Estados Unidos, movimentos sociais lutavam partindo de uma postura antissistema, defendendo o amor livre e o pacifismo, reivindicando através de protestos o fim da guerra do Vietnã.

No Brasil e América Latina em geral, lutava-se contra as ditaduras militares de cunho católico ou empresarial que se impuseram motivadas pelo anticomunismo produzido pela Operação Condor, um dos principais projetos políticos que marcam a Guerra Fria. Na África, em países como Somália e Líbia, as lutas anticoloniais ganhavam corpo desde a década de 50, com a Argélia em guerra civil para se libertar do jugo colonial francês, país esse que também passava por desestabilizações após a união da classe estudantil e operária em protestos que ficaram conhecidos como o Movimento de maio de 68.

Na França, a filosofia de cunho existencialista teve grande impacto nas revoltas de 68, demandando um outro mundo possível, um mundo sem opressões (coloniais, capitalistas e interseccionais) buscando na figura dos seus anti-heróis subversivos como Beauvoir, Deleuze, Foucault e Sartre, uma base teórica e acadêmica para a desconstrução de antigos valores. Nesse clima de dissidência, aparece o gênero como uma construção social opressiva, pautando seu questionamento a partir da possibilidade de subversão do seu papel na luta contra a dominação patriarcal.

A partir do livro *O segundo sexo* (1949), tomado como um marco no ocidente, a contribuição teórica da filósofa existencialista e feminista Simone de Beauvoir (1908-1986) em torno do gênero como um constructo social e sua diferenciação entre sexo e gênero passou a ser incorporado no debate político e acadêmico como uma categoria importante para crítica.

Tomado o ser feminino a partir da categoria mulher, sua condição é descrita como uma construção social caracterizada por um papel social bem estabelecido, determinado e sustentado pelo status quo patriarcal e machista. Nessa lógica, o gênero feminino é descrito e construído essencialmente como uma alteridade, num processo de outrificação, a mulher se torna um segundo sexo, um sexo subalternizado. De forma que o ser Mulher

é alienado com o objetivo de produzir submissão e dependência em relação ao ser Homem.

Um ponto importante dessa obra foi também a diferenciação em sexo e gênero, demonstrando o domínio da cultura no que era entendido como do reino da natureza, postulando que por trás de uma Mulher existia uma história, sendo influenciada pela máxima existencialista de que “A existência precede a essência” ao pensar que o mesmo valeria para o gênero ao dizer sua célebre frase que inspira debates até hoje: “Não se nasce Mulher, torna-se Mulher”.

Dessa forma, a ideia enraizada em nossa cultura é que, ao nascer, já temos um destino, uma norma pré estabelecidas de como devemos portar-se, perfilando os próprios valores impostos do que se espera da mulher, aquela que é submissa, subalterna ou inferior ao homem, ou seja, a mulher é sempre vista e socialmente construída para ser o “outro”, instalando o homem sempre como dependência da sua legitimidade de existência. Partindo deste ponto, podemos pensar também o conceito do “outro” postulado por Grada Kilomba, que, ao sofisticar a análise no que diz respeito a mulher negra, pensa que seu lugar social exerce a função do “outro” do outro, através do fato de que a mulher negra está alocada em uma situação de dupla alteridade mais difícil, justamente por essa dificuldade tanto do racismo, quanto do machismo pelas quais são sujeitadas.

Ao sexo masculino, atribui-se socialmente o gênero Homem, a partir daí, decorre uma série de conexões com atos, performances, gostos, falas e um modo de existir agregado num todo que busca coerência definido como masculinidade. Ao ser dito masculino, atribui-se a Masculinidade, e concomitantemente a isto, conceptualiza uma configuração prática da própria atuação do homem em torno da posição da estrutura das relações e estudos de gênero.

Na esfera social, a palavra masculinidade se refere ao conjunto de atributos que geralmente são associados aos homens desde o nascimento. Logo, a masculinidade é um dado cultural que se firmou ao longo do tempo, e que, em muitas ocasiões, é pensando de forma errônea como algo inerente aos indivíduos. De acordo com Vale de Almeida (1995):

[...] ser homem no dia a dia, na interação social, nas construções ideológicas, nunca se reduz aos caracteres sexuais, mas sim a um conjunto de atributos morais de comportamento, socialmente sancionados e constantemente reavaliados, negociados, lembrados. Em suma, em constante processo de construção [...] (p. 83)

Assim, os padrões de comportamento masculinos são reafirmados a todo instante, sendo esses estereótipos eficazes na manutenção dessa estrutura dominante. Portanto, é preciso questionar esses pressupostos para que seja possível desvelar as estruturas que, ao instituir determinadas normas e regras socialmente, são capazes de modificar a forma como o indivíduo se percebe no mundo e na maneira de se relacionar com o outro.

Embora pareçam simples, tais questionamentos buscam chegar a uma conclusão que nos proporcionará uma gama de reflexões, principalmente quando nos questionamos acerca do que é ser homem no século XXI. Falar de masculinidades no plural é pensarmos sobre as possibilidades de, sendo homem ou não, exercer a masculinidade de forma crítica e repensá-la de forma abrangente e fluida, contribuindo para um processo de transformação social que busca diminuir a desigualdade de gênero nas sociedades.

CONSTRUÇÃO DA CARTILHA

A cartilha surgiu a partir da disciplina de Relações sociais de gênero ministrada pela professora Dr. Núbia Regina Moreira, em conjunto com a disciplina de Metodologia e prática do ensino em Ciências Sociais I ministrada pelo professor Me. José Miranda Oliveira Júnior, que orientou a construção da cartilha e colaborou conjuntamente na elaboração desse artigo.

A escolha da temática dentro de uma gama infindável de possibilidades reside na importância que o tema possui para a sociedade atual no qual ele se apresenta. Sendo considerado um assunto bastante promissor (e atual) para a quebra dessa ideia construída e imposta da masculinidade universal. A ideia de trazermos o tema em seus diversos desdobramentos, vem da própria formação do grupo idealizador da disciplina que é formado por homens com vivências, sexualidades e recorte de raça individuais e,

por conseguinte, diferentes. Somos homens, mas partindo ainda de um conceito da teórica norte americana Judith Butler, performatizamos individualmente nossas masculinidades.

Na medida que buscamos refletir e nos colocamos como sujeitos no mundo, existe a possibilidade de questionarmos as categorias que o mundo é definido e também, como somos definidos pelo mundo. Começamos aí a pensar em quais categorias somos definidos, como elas se estabelecem e como são impostas a nós. As categorias com a função de organizar e classificar o mundo são muito úteis para nos comunicarmos e criar um modo de expressão comum para nos entendermos coletivamente. Ao pensarmos por exemplo que necessitamos de referências e diferenças entre as palavras para compreendermos a realidade. A diferença entre baixo e alto, curto e longo, perto e longe, quente e frio são muito úteis para classificarmos o mundo. Em determinado momento, atribuiu-se classificações para as pessoas com base nessas características. Um modo de caracterizar pessoas é através de marcadores sociais, nessa cartilha especificamente trabalharemos a partir do marcador de gênero.

Para Scott (1995) gênero é “[...] é um elemento constitutivo de relações sociais baseado nas diferenças percebidas entre os sexos [...] uma forma primeira de significar as relações de poder. [...]”. Relações de poder que constituem a vida de todos nós de variadas formas ao produzir relações de privilégio e opressão, legitimando violências de diversas naturezas, constituindo um ciclo de sofrimento que mantem a estrutura social funcionando de modo a produzir desigualdade na relação entre homens e mulheres e conseqüentemente, uma diferenciação rígida entre o mundo masculino e o mundo feminino. Mas o que é o masculino?

Esse é o principal questionamento do material didático-pedagógico construído em formato de cartilha, que busca dialogar com um público alvo de professores e estudantes do Ensino Médio, a fim de ajudar na conceituação desse tema na transversalidade em que a temática de gênero é tratada na Sociologia, Antropologia, História e demais disciplinas das Ciências Humanas.

DIAGRAMAÇÃO

Ao termos feito uma seleção teórica inicial, com conceitos de autores e autoras, definido o caminho dissertativo e os principais pontos a serem contemplados pela cartilha, o segundo passo foi construir o texto base que iria para a diagramação e por último finalizamos com a construção do projeto gráfico. A ferramenta utilizada para a construção da parte visual e estética da cartilha foi o Canva, uma plataforma de design gráfico australiana que possui funcionalidades gratuitas e permite a produção de variados projetos gráficos para diversos fins como: conteúdo para redes sociais, infográficos, capa de livro, logomarcas e demais conteúdos visuais.

Buscamos produzir uma estética pop com cores fortes e atrativas, trazendo também imagens ilustrativas visando fomentar uma diversidade de cores, formatos, performances e existências nas representações da masculinidade, atentos para não representar, como é feito hegemonicamente, somente corpos magros, brancos e heteronormativos vestidos com roupas formais ou de cores azul ou preto, mas incluímos outras representações imagéticas que construíssem performances outras existentes no real, mais invisibilizadas e apagadas das representações na grande mídia e produtos audiovisuais, textuais e educativos veiculados em meios de maior circulação.

Dispomos o texto de forma duplicada para facilitar a leitura, tanto na distribuição textual de rápida visualização e compreensão fragmentada por páginas, evitando uma densidade textual elevada na apresentação do texto o que dificultaria a leitura e a compreensão para jovens que não cultivam o hábito da leitura por inúmeras barreiras e defasagens educativas, quanto para tornar a leitura mais acessível à pessoas com baixa visão, que visualizam melhor as letras com fontes maiores que as disponibilizadas por textos acadêmicos comumente.

Outro ponto importante é a linguagem adotada por alguns textos ou livros didáticos de trazer personagens com falas, pensamentos, conselhos, avisos ou resumos intercalado com o texto do corpo da cartilha propriamente dito, tomando emprestado a linguagem e fluidez das histórias em quadrinhos ao trazer de forma lúdica e simples, um ponto marcante daquela sessão textual, buscando sintetizar o pensamento em uma formulação nuclear, dando um entendimento final ao texto e uma chave interpretativa para o conteúdo mais complexo contido na página.

CONSTRUÇÃO DA BASE TEÓRICA

Como ponto de partida para a discussão sobre gênero utilizamos a conceituação de Joan Scott (1995), fulcral para a absorção do conceito, que se configura como um termo próprio das Ciências Humanas. Ela trabalha com a ideia de gênero (explícito no seu famoso artigo) como categoria útil de análise histórica, para que possamos entender, ao longo do tempo, como se manejou esse conceito em diversas discussões teóricas e como a percepção de modo variado tem como resultado pensar certas formas de relações sociais e como elas se organizam, a fim de indicar como as identidades, construções e papéis sociais são construídas socio-culturalmente.

Dessa forma, para uma boa apreensão das referências bibliográficas, evidenciando a masculinidade enquanto objeto de reflexão teórica, podemos citar Borrillo, ao pensarmos o conceito de homofobia como um fenômeno complexo e variado, no qual Borrillo (2010) não propõe buscar compreender a origem e funcionamento das homossexualidades, mas sim analisar como se processa esta hostilidade desencadeada diante de tudo que se refere a esta temática, a vista disso partindo também da homofobia como um discurso e uma ideologia que interpela sujeitos e os torna ofensivos e excludentes.

Judith Butler autora contemporânea, dispõe de sua obra, pensamentos e questionamentos efeitos do aparato das construções culturais que se debruça a respeito da performance de gênero, analisando a relação da superação do dualismo clássico como sexo e gênero, corpo e mente, natureza e cultura, rompendo o que Butler (2013) apresenta de alinhamento sexo/ gênero e desejo.

E dando sequência a esse constructo social, Connell e Messerschmidt (2013) nos serve de base para desenvolver mais a respeito da masculinidade hegemônica, que por entre essa conceituação o autor chega a dedução de que não podemos falar em somente uma masculinidade, mas em diversas masculinidades socialmente e historicamente construídas, sendo uma delas a portadora de um status de “hegemônica” caracterizada como uma masculinidade em que o homem é um ser agressivo e dominador e as demais

como masculinidade paralela e inferiores. Esse seu pensamento nasce a partir de suas inquietações a respeito dos papéis sexuais, presentes nas relações sociais.

Na década de 90, o sociólogo Pierre Bourdieu lança sua tese da “Dominação Masculina” na qual relaciona a vantagem masculina, nas relações de gênero, não só em relações às forças físicas, mas também às forças simbólicas. Conforme tal tese, Bourdieu afirma que essa naturalização dessa condição estrutural promove a sustentação da inferiorização e sexualização da mulher, alocada para servir ao homem. Funcionamento este existente, difícil de ser desenraizada na sociedade, visto que essa forma de dominação masculina busca retirar justamente essa consciência naturalizada, assim afirma Bourdieu (2005):

O sexismo é um essencialismo. Como o racismo, de etnia ou de classe, ele visa imputar diferenças sociais historicamente instituídas a uma natureza biológica funcionando como uma essência de onde se deduzem implacavelmente todos os atos da existência. E dentre todas as formas de essencialismo, ele é sem dúvida o mais difícil de se desenraizar [...] (p. 145)

Frantz Fanon, um autor célebre para pensarmos a masculinidade negra e sua especificidade numa sociedade racializada, onde o homem negro é fechado em sua negrura. Entendendo que o modelo hegemônico de masculinidade, está intrinsecamente ligado ao modelo do homem branco, heterossexual e ocidental, e conseqüentemente transpassado por uma serie de violência e poder, pensar na masculinidade negra é pensar no recorte do homem negro na sociedade contemporânea, paralelamente ligado as questões de raça, gênero, classe e sexualidade. E para além, a sua relação com a sociedade e onde este corpo negro está inserido, o debate sobre os estereótipos, a questão da força física e a sexualidade, que recaem sobre o sujeito negro racializado.

Na obra *Pele negra, máscaras brancas*, Fanon afirma que “o negro não tem mais de ser negro, mas sê-lo diante do branco [...]. Aos olhos do branco o negro não tem resistência ontológica” (2008, p. 104). Ao pensarmos os modos históricos de subjetivação e produção de lugares sociais de forma racializada em consonância com Fanon, a constituição do homem negro ou homem colonizado é diametralmente oposta à do

homem branco, e por isso, construída de forma a se relacionar ao ideal colonial de homem como um oposto, com características que orbitam uma margem, mas define o centro. Na sociogênese do homem negro e de sua masculinidade, é preciso pensar em outros termos e ir além do universal produzido pela branquitude para não cair em formas de captura nem muito menos universalizar multiplicidades.

DIVULGAÇÃO E REPERCUSSÃO DA CARTILHA

A cartilha teve como plataformas de divulgação os canais oficiais de redes sociais do Centro Acadêmico do Curso de Ciências Sociais da UESB. Dessa maneira, foram colocados os links para download tanto no Facebook como no Instagram. Com a repercussão imediata do material, o site O Avoador¹ entrou em contato com os membros para fazer uma reportagem entrevistando os criadores do trabalho. O site apontou a ideia da publicação que é “promover reflexão para o rompimento dos padrões impostos pela sociedade, de modo a transformar a visão do que é ser homem”. Outro contato estabelecido foi com o Laboratório de linguagens e diversidade sexual (LALIDIS) que, em seu site diz que:

“[...] em virtude do seu interesse na literatura menor e na constelação autobiográfica, busca dar espaço às multidões queer para expressarem e proliferarem suas vozes. Muitas vezes abafadas ou esquecidas, são essas vozes que serão ouvidas em primeiro lugar, ocupando e transformando mais do que apenas os espaços digitais, mas tantos quantos puderem ser ocupados. [...]”

Dessa maneira, O LALIDIS fez uma ampla matéria² apontando que “Assim como todos os outros temas abordados por aqui nas últimas semanas, a masculinidade segue um padrão de tabu, possuindo uma espécie de regras impostas por uma sociedade marcada

¹ <https://avoador.com.br/pagina-central/alunos-de-ciencias-sociais-da-uesb-lancam-cartilha-sobre-masculinidade>

² <https://lalidis.com.br/index.php/2020/12/23/cartilha-sobre-masculinidades-definicao-e-desdobramentos>

por preconceitos.” Além disso, até o final de março de 2020, a matéria com o link para download já tinha atingido 319 visualizações.

O site oficial da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia também fez uma matéria³ relatando todas as cartilhas que foram construídas durante o processo de simbiose das disciplinas que solicitaram a criação do material didático e pedagógico. Segundo o Site, “a iniciativa tem ainda a proposta de servir como material de auxílio nos estágios supervisionados realizados pelos próprios estudantes da licenciatura nos próximos semestres. Além disso, existe a possibilidade de trabalhar essas cartilhas em oficinas e minicursos promovidos pelo Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência (PIBID).”.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O objetivo da cartilha é fomentar o debate e fornecer material didático pedagógico com ludicidade e simplicidade sem simplismo. Essa metodologia foi proposta como alternativa de enfrentamento dos problemas sobre masculinidades e seus desdobramento, buscando fomentar o debate sobre gênero, diversidade, masculinidades, performances, sexualidades, opressões, subversões, resistências e modos de ser, existir e agir de forma leve e introdutória, mas buscando possibilitar um processo de reflexão visando a desnaturalização em torno do objeto histórico e sociocultural estudado pelas Ciências Humanas em geral, mas especificamente nesse trabalho pela filosofia, sociológica e antropologia.

É necessário romper com os padrões impostos socialmente, levando em conta que não existe um modelo único a trilhar, pois cada indivíduo se molda de acordo a cultura na qual estiver inserido, ao passo que existem inúmeras delas. Assim, não há um molde universal que abarque o conceito do que é ser homem em suas miudezas, afinal, todos estão sujeitos às mais distintas formas de sentir, pensar e agir. A partir das contribuições de Silva (2006), pode ser percebida a tentativa de recolocar a identidade sexual e de gênero dominante que não consegue dar conta da singularidade dos homens, de modo que

³ <http://www.uesb.br/noticias/curso-de-ciencias-sociais-produz-cartilhas-didaticas-sobre-genero-na-escola>

nem todos conseguem se enxergar totalmente no modelo tradicional, nem totalmente no modelo que chamaríamos contemporâneo de masculinidade.

Dessa maneira, é preciso buscar compreender a estrutura que está posta para que não sejamos meros reprodutores das regras sociais que se impõe a nós, para que o rompimento com esses pressupostos que subjuga tudo o que diz respeito ao padrão feminino em detrimento do masculino, seja o motor para lutar contra todas as formas de opressão que ocorrem nas sociedades.

REFERÊNCIAS

- BORRILLO, Daniel. **Homofobia: história e crítica de um preconceito**. Belo Horizonte: Autêntica, 2010.
- BOURDIEU, Pierre. **A Dominação Masculina**. Tradução de Maria Helena Kühner. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2005.
- BUTLER, Judith. **Problemas de gênero: feminismo e subversão de identidade**. 6 ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2013.
- CONNELL, Robert W.; MESSERSCHMIDT, James W.. **Masculinidade hegemônica: repensando o conceito**. Rev. Estud. Fem., Florianópolis, v. 21, n. 1, p. 241-282, Apr. 2013.
- FANON, Frantz. **Pele negra, máscaras brancas**. Bahia: Editora Edufba, 2008.
- RIBEIRO, Djamila. **A categoria do Outro: o olhar de Beauvoir e Grada Kilomba sobre ser mulher**. Blog da Boitempo, São Paulo, 20 de abril de 2016. Disponível em: <https://blogdaboitempo.com.br/2016/04/07/categoria-do-outro-o-olhar-de-beauvoir-e-grada-kilomba-sobre-ser-mulher/>
- SCOTT, Joan Wallach. **“Gênero: uma categoria útil de análise histórica”**. Educação & Realidade. Porto Alegre, vol. 20, nº 2, jul./dez. 1995, pp. 71-99. Disponível em: http://www.archive.org/details/scott_gender.

SILVA, Sergio Gomes da. **A crise da masculinidade: uma crítica à identidade de gênero e à literatura masculinista.** *Psicol. cienc. prof.* [online]. 2006, vol.26, n.1, pp.118-131.

VALE DE ALMEIDA, Miguel. 1995. **Senhores de Si. Uma Interpretação Antropológica da Masculinidade.** Lisboa: Fim de Século.

Sobre os autores:

Clóvis Lima da Silva

Licenciando em Ciências Sociais, UESB – Brasil. E-mail: clovis_sdp@hotmail.com

José Victor Santos de Almeida

Licenciando em Ciências Sociais, UESB – Brasil; Bolsista do CNPq em projeto de Iniciação Científica. E-mail: jose.victor.almeida@hotmail.com

José Miranda Oliveira Júnior

Mestre em Educação, UESB – Brasil; membro do grupo de pesquisa “Sociologia das políticas curriculares: uma leitura a partir da Teoria do Discurso”; E-mail: jose.junior@uesb.edu.br

Juelton Meira Queiroz

Licenciando em Ciências Sociais, UESB – Brasil; Bolsista FAPESB em projeto de Iniciação Científica. E-mail: queirozjue@gmail.com